

Nem tudo no Brasil pode ser explicado pelo liberalismo

Ricardo Semler

Empresário que pede liberdade para trabalhar não falta. Capitalista que ache que é a interferência do governo que faz com que este país não vá para a frente, também é fácil de achar. Corrupção, nem se fala. Estão todos de acordo que precisa acabar já. Só que, como dizia Aristóteles, o buraco é mais em baixo.



Para começo de conversa, são os setores mais dependentes do governo que mais ganham dinheiro neste país. Os nossos portentosos milionários, os que frequentam a lista do playboy Malcolm Forbes como os mais ricos brasileiros, têm características especiais. Todos têm vínculo íntimo com o governo.

Resultado — nossos números, internacionalmente, são ridículos. Queremos como país ter US\$ 6 bilhões em caixa. O mesmo que qualquer das líderes da Fortune 500 precisa ter para manter em dia as suas operações comerciais. Nosso PIB, coitado, pode até ser o décimo do mundo, mas equivale apenas à soma de um ou dois grupos japoneses. Não falta empresa japonesa que tenha faturamento de 50 bilhões ou 100 bilhões de dólares, portanto, é só escolher algumas, juntá-las, e ter o faturamento de todo o Brasil junto, numa patada só. Temos a misera quantia de 1% do comércio mundial. Temos o terceiro superávit de balança do mundo, mas isto não é motivo de orgulho. Está na cara que o nosso mérito está na proibição de importações e não na venda ao exterior.

Quando se começa a falar em nossa complexa situação, chovem explicações simplistas de empresários. "É preciso trabalhar mais." Ou então, "o governo precisa deixar o empresário em paz". Ou ainda "os nossos impostos são insustentáveis". Isto tudo, sem exceção, é pura verdade. Porém, é longe de ser suficiente, ou mesmo a raiz do problema.

Tome-se o exemplo do "trabalhar mais". A Alemanha decidiu que se especializaria em produtos de alto conteúdo tecnológico, mas se manteria em áreas de maquinário básico e bens de capital. Pois bem. Após luta demorada entre os patrões e o I G Metall, sindicato dos metalúrgicos, a jornada de trabalho foi reduzida para 37,5 horas por semana. Os patrões declararam que seria a ruína. Hoje, apenas alguns anos mais tarde, a Alemanha tem, exatamente por causa da indústria de bens de capital, o maior superávit de balança de toda a sua história.

Queremos a não-intervenção governamental. Queremos um Estado liberal mínimo. Toda vez em que peço aos liberais exemplos de países que deram certo com políticas deste tipo, deparo com a mesma listagem: Japão, Coreia, e, destacadamente, os EUA. Vamos dar uma olhadinha nos três exemplos para ver se existe mesmo este tal de liberal.

O Japão. Ora, o Japão. Não se encontrará caso de junção de esforços mais cabal entre Estado e setor privado do que no Japão. Como é que apareceu tanto dinheiro para as indústrias japonesas saírem pelo mundo afora despejando os seus produtos por preços incomparáveis? Não foi tão difícil. O Japão tem convi-

vido com índices de poupança particular ao nível de 21% durante décadas. Isto compara com índices como 3%, no caso dos EUA. Ora, o melhor jeito de se "incentivar" a população a poupar é negar-lhe o acesso a produtos baratos. Qualquer um sabe que é muitíssimo mais caro comprar um produto japonês em Tóquio do que em Nova York. E como é que se compra um automóvel no Japão? Não é bem pelo sistema de consórcio, não, mas com dinheirinho vivo. BNH, nem pensar. Se não tiver 40% para dar de entrada e boa parte do restante em conta bancária, esqueça. Enfim, poupança forçada. Pelo governo, e não por algum esquema liberal.

E onde é que vai esse dinheiro baratinho que o japonês particular entrega para o banco por correção monetária mais juros de 0,5% ao ano? O governo sugere aos bancos particulares, por livre e espontânea pressão, que emprestem esse dinheiro aquelas indústrias que o governo e as elites empresariais decidiram devam ser prioritárias. As outras? Quebrem, ou diminuam a produção. Quem for visitar uma indústria de alumínio no Japão de hoje saberá que o volume de produção foi reduzido em 60%, por determinação do MITI. Quem visitar um estaleiro japonês se deparará com "dry-docks" de 400.000 toneladas cimentados. Isto mesmo, cimentados, para não poderem mais ser usados para construir navios de grande porte. Pois é, liberalismo ou planejamento centralizado? Tem cara de livre iniciativa ou de planos quinquenais?

A Coreia viveu momentos semelhantes. A cinco grandes grupos (chaebol) coreanos foram entregues bilhões de dólares a juros irrisórios, para que se conquistasse o mundo. Ora, não duvido que o Brasil tivesse resultado ainda mais fabuloso se fosse dado a empresários que representassem 72% do PIB privado dinheiro sem limite, a 1% de juros anuais, e funcionários com jornada semanal de 54 horas, sem sindicato a representá-los. De fato, parte interessante dos empresários de porte deste país receberam empréstimos subsidiados ou então favores especiais, durante a ditadura, e até que não se deram mal. Mas não vamos então falar de liberalismo. O nome não cabe.

E os EUA? Estes sim, podem ser considerados verdadeiros liberais. Não ao ponto do que quer o velho Hayek, já que os EUA têm sistemas governamentais enormes na área de eletricidade, saúde, habitação e transportes. Mas é o que mais perto chega. No entanto, para profunda decepção dos liberais, acaba de passar legislação (o famoso Trade Act) que permita a suspensão da lei antitruste, a coligação de empresas e subsídios a fundo perdido do Estado para indústrias em dificuldades, ou de ponta. Contém, inclusive, mecanismos de reserva de mercado. Bom exemplo é o caso da Sematech, consórcio formado pelas principais indústrias do setor de informática norte-americano para desenvolver semicondutores. Lá, japoneses não entra. Aliás, onde entrou, o liberalismo de nada adiantou. Assim é que indústrias inteiras foram sucateadas naquele país. Não se fabricam mais televisores, videocassetes, máquinas fotográficas ou relógios de alguma relevância nos EUA.

Mas a coisa não pára por aí. Hoje, o analfabetismo funcional americano é pa-

voroso. Setenta e cinco por cento dos jovens adultos americanos não são capazes de interpretar um roteiro de ônibus afixado no ponto. Sessenta e um por cento dos jovens adultos brancos não conseguem fazer uma conta de subtração de apenas dois itens. Educação liberal? Sem dúvida. Mas eficaz? Não sei, não. Dos 18% do mercado mundial de mercadorias que os EUA detinham em 1960, agora só sobrou a melancólica figura de 11%. De maior credor do mundo poucos anos atrás, os EUA passaram a maiores devedores do planeta, com mais de US\$ 550 bilhões de dólares devidos ao Japão somente. O 1% mais rico dos EUA teve a sua renda acrescida em 14,2% entre 1977 e 1988, enquanto o país inteiro teve aumento de apenas 9,6%. Nos últimos 35 anos, o PIB per capita da França passou de 40% do número dos EUA para 93%. O da Alemanha, idem.

Enfim, nesta hora em

que os empresários decidem fazer parte daqueles que percebem que deste jeito o País não vai para a frente, e perceber que tere-mos de dar contribuição muito mais abrangente do que ficar reclamando do governo e ensaiando teses genéricas. Diminuir a reclamação sobre corrupção enquanto ainda somos os principais corruptores, distribuindo propinas para nos livrar das garras do governo e da legislação. E hora de começarmos profunda reflexão, abandonando jargões inúteis e utópicos. Vamos olhar à nossa volta essa pobreza que aí está or-na (como dizem na roça) com pobreza de produtividade, pobreza de relação patrão-sindicato, pobreza de entidades de classe, pobreza de modernização e de desenvolvimento de tecnologia. Orna muito bem, sim senhor. Um convite à reflexão...

Ricardo Semler é diretor-presidente da SEMCO.